

MONTRA DE LIVROS

POR ARMANDO FERREIRA

cupar-se com os rumos do teatro universal, e, mesmo sem esperanças de poderem apresentar-se nos palcos, não deixam de se exercitar na prática de um teatro de amanhã, seguindo, embora muito agarrados aos modelos, os exemplos e as lições dos novos pioneiros da velha arte.

O render dos heróis — por José Cardoso Pires — Ed. Publicações Europa-América — Lisboa

Narrativa dramática em três pontos e uma apoteose grotesca é a apropriada classificação que José Cardoso Pires deu a seu novo trabalho literário, aparecido sob forma de livro ante as dificuldades de qualquer visionário de teatro ou pioneiro de um teatro novo, a erguer em qualquer palco.

Contudo, para o tema — aliás histórico.. — para a objectividade e concentração de ideias do autor, cremos que é realmente o processo dramático usado o mais adequado. Tal como a crónica da guerra de trinta anos, nos doze quadros onde a «Mere courage» vai esfrangalhando a sua vida, esta narrativa segue a evolução dos acontecimentos no Alto Minho, em 1848, fixa-se até em locais que entraram nas crónicas (Vilar, Amoreira, e cercanias), revive ou evoca personagens e tipos (Desembargadores, Barões e Baronesas, Fiscais de impostos, Bachareis, etc.), sugere outros, organiza um final de sátira em grande, tarandola de titeres, de prototipos, de exemplares raros que é do mais conscientemente bem imaginado até hoje trazido ao Teatro português. De uma ironia e sátira que Alfredo Cortês, não conseguiu plenamente nos «Gladiadores», por ser limitado e curto o seu objectivo directo, «O Render dos heróis» é das primeiras, se não a primeira, tentativa para levar o teatro moderno português a cooperar na desmistificação.. do próprio teatro. Aquele período das guerras miguelistas, do cabralismo, das voltas e reviravoltas dos interesses, época tão pitoresca (vista agora à distância de mais de um século) e cujos episódios justificaram as trovas e romances e versos dos «cegos» das feiras e romariais com enumeração fantástica dos acontecimentos, foi aproveitada pelo autor, como já o fora para operetas e dramas mais ou menos históricos ou baseados na Maria da Fonte, mas aproveitada de uma forma nova, exemplo-tentativa dos processos dramáticos do Teatro de hoje. As intervenções da poetica nacional, que em cena teriam ainda a comparticipação de música elucidativa, seriam completadas com os jogos de luzes (não indicados no livro, porque não se trata directamente dum roteiro de espectáculo) necessários à marcação dos contrastes dos vários locais e cenas. É no descritivo destes locais e do ambiente desejado para a sucessão dos acontecimentos, que se aplica a faceta do novelista ou romancista, agora, mais completamente entregue ao labor dos diálogos e das falas das personagens. Queremos acentuar que o literato se entregou quase completamente à obra dramática, na esteira, aliciante e difícil dos Dunrematts, dos Brechts, dos Genets, e deixou de fazer literatura, literatura de «crochet» caseiro, para matar o tempo.

«O Render dos Heróis» grito insólito na panorâmica dramática (abafado dentro da capa do livrinho de colecção económica), vem nos mais uma vez provar que a gente nova, os valores moços das novas gerações, continuam a estugar o passo, a preo-